

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

ALBERTO MALHEIRO

Propoz-se a «Lagrima», o «bemfadado» quinzenario barcelloense, reunir em suas columnas uma como que galeria de retratos dos filhos mais benemerentes de Barcellos, e d'esse seu louvavel empenho se vae ella desempenhando a primor e com applauso geral, que não-há titulos mais distinctos e mais honrosos para brasão de uma terra, que os que lhe vêm do lustre e gloria de seus filhos.

N'essa galeria vem hoje enfileirar-se, *par droit de conquête*, e no olvido não podia elle por modo algum ficar, sem flagrante injustiça, o retrato de um de tres irmãos que nós todosahi conhecemos e estimamos, ricos de engenho e de vida, e que a morte avara tão cedo arrebatou a nossas aclamações.

Eram elles Antonio Malheiro, Alberto Malheiro e Joaquim Malheiro, ramos viçosos de um mesmo tronco que lhes herdára com um nome honroso por mais de um titulo pujante seiva de talento.

D'este todos tres deram sobejos testemunhos, ora mimosos ora mordazes, em produções do seu estro, que para o primeiro e para o terceiro não lograram sahir em volume, mas que archivadas são cuidadosamente pela que as possuem, impressas ou manuscritas, e que para o segundo sahiram em parte no volumezinho *Sombras do Valle* que teve a honra de editar em 1873 quem firma esta desprerenciosa noticia.

E que eximios conversadores não eram elles todos tres!! Esqueciam-se as horas no seu trato intimo, nos seus cavacos iriados do mais fino espirito, da mais apropriada ironia e cortados a cada momento de anedoctas esfuziantes de graça!

Foi a sua morte, e em plena adolescencia da vida, uma perda bem sensivel para Barcellos, que ainda hoje e por muito tempo, por certo, os lembrará com saudade, lamentando que seus talentos não chegassem a produzir tudo e o tanto que de si podiam dar, devido isso em grande parte ao seu sacrificar impensado á *bohemia*...

D' Alberto Malheiro, de quem o retrato com que a «Lagrima» hoje se illustra o honra, existem,

segundo ouvimos, além de muitas poesias dispersas por diversos jornaes do Porto e Lisboa, dous tomos d'ellas ineditas.

De versos seus não vindos ao lume da publicidade vão seguidamente dois sonetos mui curiosos e engraçados, cuja historia, em duas palavras, convem que o leitor conheça, para bem os apreciar.

Agostinho de Carvalho a quem os sonetos dirigidos achava-se n'esta villa á frente de um estabelecimento de cera, e estando em vespera de seu balanço annual, dissera o Alberto Malheiro que daria uma *taina* (*) aos amigos, em cujo numero se contava o distincto poeta, se esse balanço accusasse bons lucros... D'ahi os dous sonetos.

Fazemos votos bem sinceros por que os versos ineditos de Alberto Malheiro, que conviveu mui de perto com a radiante pleiade de poetas portuenses do seu tempo, dos quaes brilhante emulo, venham á luz e com cedo.

Bem o merecerão, por certo!

(*) *Taina*, *tainar*, são palavras que os dictionarios não trazem, mas que em Braga e Barcellos tem foros de cidade. Significam uma pausada de comes e bebes, entre alguns convivas, e com toda a liberdade.



'Stou morto por que dês o tal balanço
Para a *taina* gosar tão desejada,
Que divino prazer, dita invejada,
Se tão supremo bem ditoso alcanço!

Se acaso a pensar n'ella me abalanço
Sou amante a pensar na prenda amada,
A' bella dirigindo adocicada
Linguagem d'amor que já tem ranço.

O' minha desejada sexta-feira,
Quanto ver-te chegar quanto eu te desejo,
E á força de te querer te acho roneira.

Com um delirio tal por ti almejo
Que só o *sino grande* do Espinheira
Pode acalmar-me enquanto te não vejo!

Que resultado, diz, que resultado
Conseguiste tirar do tal balaço?
Sempre serei feliz? Diz, sempre alcanço
O bem, o doce bem tão desejado?

Verei do caro *Bento* o rosto amado?
Nos ternos braços seus sempre me lanço?
Desengana-me pois não tem descanço
Meu terno peito d'ancias torturado!

Teuro *bife*, *rojão*, dentro d'esta alma,
Arde por causa vossa em fogo arlente
Que descanço não tem, que não tem calma.

Penso em vós, ai de mim! constantemente.
E tu *vinagre* meu aceita a palma
Que um filho teu te offerece reverente!

R. V.

BARCELLOS HA 30 ANNOS

XIV

Continuarei com a historia da Maria da Fonte e das proezas d'esta matrona aqui em Barcellos no anno de 1816, e não em 1814, como erradamente sahio na «Lagrima» em a chronica, que ultimamente para lá manlei. E, a proposito' tambem se não chamava Paulo o commandante dos guerrilhas, a que então me referi; mas sim era conhecido pelo—Paul da Lago—, o bom do cabecilha d'aquelle movimento popular.

Dito isto, que tem a dupla cabida de prefacio á chronica de hoje, e de corrigenda á chronica passada, ainda quero prevenir os leitoras da «Lagrima» de que eu não estou aqui a romantisar; conto factos, taes quaes elles se deram realmente, e de que eu tenho conhecimento proprio. Digo isto a proposito de uma chalaga, que o meu velho amigo padre Lima me atirou, ha dias, dizendo-me, a rir:—«Muito tens mentido nas chronicas a respeito da Maria da Fonte!» Ora bolas! O padre Lima é quasi da minha idade, a differença é de mezes, e ha de lembrar-se de uma grande parte d'essas coisas d'então, como eu me lembro. Ha só a grande differença de eu estar tambem mettido na esparrella, enquanto que o Lima lambia os beiços com o recheio da boa laranja de doce, que nunca lhe faltou, nem mesmo nos tempos d'estudante... Basta de prologo.

E' bem de presumir, que o governo da rainha, assim se chamava ao ministerio cabralista, mandasse a força armada para restabelecer a ordem.

A guarnição do Minho tinha então dous corpos fieis ao governo: o 8 de Braga e o 3 de Vianna. Em caçadores 7 não havia confiança; e, com effeito, na revolta militar de 47, aquelle batalhão esteve ao serviço da Junta do Porto, ou dos Pa-

toleias, ou Mejados, como então lhes chamavam, enquanto que o 8 e o 3 foram sempre firmes; o primeiro serviu na divisão do marechal duque de Saldanha, e o segundo na do conde do Casal. Estou d'isto tão certo, como do que fiz hoje.

Foi o 3 d'infanteria, que primeiro veio a Barcellos; e, como se dizia, que grande massa de povo vinha sobre a villa pela serra de Roriz, para ali partiu o regimento no dia 2 de maio de 1816.

Estou a vel-o marchar Pedra do Couto fóra.

Chegado que foi o regimento ao logar do Mosqueiro, Caldas de Lijó, ali se achavam reunidos alguns guerrilhas, que esperavam pelo povo, vindo dos lados de Oliveira; e, como é de presumir, ao aproximar-se a força armada, deram terra para feijões, ficando apenas Domingos da Rocha, de Quiraz, e João Antonio Barbosa, da mesma freguezia; o primeiro com uma espingarda, e o segundo com uma foice roçadoura.

Não sei o que levou o commandante do regimento a mandar fazer fogo, o que sei, é que o Domingos da Rocha foi varado pelas balas da descarga, ficando ali morto, e o Barbosa fugiu de tal modo, que nem o diabo o apanhava. Um dos officiaes montados carregou sobre elle, e bradava:—«Rende-te guerrilha!» Mas quall... João da Marianna, assim lhe chamavam, galgou d'um pulo o muro do eirado das Machados, que tem mais de dez palmos d'alto; e assim escapou. Muito me ria eu, quando elle me contava esta historia.

A precisão d'esta data veio-me d'um apontamento do registo d'obito do Domingos da Rocha, que devo ao meu inseparavel amigo (e tanto o é, que me prometteu morrer a quando a mim) abbade de Roriz e Quiraz, em cujo archivo parochial se acha exaradoc que, reza assim:—«Domingos, filho natural de Maria da Rocha, do logar da Cruz d'esta freguezia do Salvador de Quiraz, falleceu aos dous dias do mez de maio do anno de mil oitocentos e quarenta e seis, sem sacramentos; porque foi morto pela tropa no logar do Mosqueiro; e foi sepultado, no dia trez do mesmo mez e anno, n'esta Igreja de Salvador de Quiraz etc.» A redacção d'este documento official não está correctá, mas, ao menos, tem o merecimento de mostrar ao meu amigo padre Lima, que não venho para aqui inventar factos.

D'ali marchou o regimento para a serra de Roriz, que subiu sem novidade; mas, ao descer a vertente para o lado de Oliveira, houve troca de tiros entre a força armada e populares, que lhe faziam fogo d'emboçada, do que resultou haver um soldado morto e alguns feridos; não constou, que os populares soffressem baixas nem ferimentos.

Não me lembro se o 3 marchou sobre Braga, ou se regressou a Vianna; por aqui, parece-me que não voltara; d'isso não estou certo. Em todo o caso, n'esses dias a villa ficou em socêgo, não se

fazendo esperar muito novas invasões de popula-
res, até que chegasse aqui nova força armada, de
que fallarei na chronica seguinte.

ARCHEOLOGO.

Resurrexit!

Joaquim Malheiro!!... Que de saudades não
traduz este nome! Que vivas lembranças do tem-
po e m que elle se divertia divertindo-nos e en-
cantando-nos com a sua animada conversa, com
as notas plangentes da sua apaixonada guitarra,
com as suas mimosas poesias de enamorado poe-
ta! Intelligencia scintillante, espirito fino e il-
lustrado! Como tudo isto já vae longe e nos pa-
rece ainda ouvil-o! Bohemio por excellencia, os
seus tempos e da sua *troupe*, de que apenas res-
ta o Antonio Araujo, são ainda hoje recordados
como lição aproveitavel para os moços d'agora,
que n'un arremedo inclassificavel tambem que-
rem passar á posteridade apanhando o frio d'estas
noites guitarrando debaixo da janella d'uma
Dulceina que se deixa ficar muito agasalhada
entre os cobertores.

E depois são audazes, o fazem-nos lembrar a
historia da tal mulher que dizia á filha—Chama-
lh'o antes que t'o chamem.—Assim são elles.
Como ninguem lhes elogia as suas guitarradas,
porque não tem merito para isso, encarregam-se
elles proprios de dizer—Eu sou o Joaquim Ma-
lheiro, talvez ainda ninguem desse por isso, mas
quer ver...inha (aqui só se escreve a termina-
ção do nome diminutivo da formosa donzella, a
quem se explicava-las parecências) como eu cheguei
á conclusão que sou o retrato vivo do Joaquim
Malheiro? Como elle chamo-me Joaquim, e o
meu appellido tambem começa por um M, sou
louco pela guitarra e não toco inferior á elle, a
minha paixão são as mulheres, e altas horas da
noite, como elle, tambem venho chorar na mi-
nha guitarra as desditas do meu coração, esere-
vo musica, adoro as tainas, apresento-me bem,
e tambem faço versos. Com todos estes predica-
dos ainda alguém duvidará que eu sou o Joa-
quim Malheiro? Chamam-me por ahí o *Hylario*,
mas, isso sim?! Malheiro é que deve ser!

Que dizem á isto, meus leitores? Commentem
á sua vontade, porque nós não nos atrevemos a
tal perante este crime de lesa-bohemia.

Eleitores!!

Está prestes a chegar o dia em que vós ides
exercer um dos mais sagrados direitos do cida-
dão livre, o direito de votar cada um conforme
a sua consciencia, e n'esta occasião em harmo-
nia com a vossa vontade e bom estomago.

No anno passado deixaste-vos levar por fe-
mentidas promessas e fugistes para outras cloi-
ções, em que nem sequer houve o tradicional
carneiro com batatas. Bons tempos eram esses
em que uma pessoa comia para oito dias!

Aqui, em frente uns dos outros, cara a cara,
copo a copo é que se querem ver os valentes.
Vote, queremos dizer, beba cada um o que qui-
zer, e o que mais beber será proclamado o juiz
do festa, honra marcada *per omnia saecula soe-
culorum* nas paginas de livro de Baceho, escri-
ptas por Sileno.

Não deve esquecer o que for levado a essa al-
ta dignidade que o seu primeiro cuidado é exer-
cer rigorosa vigilancia nos tasqueiros que nos
vendem zurrapas e michordias por vinho bom,
e que pagamos como tal. E' preciso convencel-os
á força porque não é gente que vá por geito, de
que este anno não ha necessidade de estragar os
nossos delicados estomagos, porque a nova col-
heita é de primeira e abundancia. E não tenhaes
medo sr. juiz. A confraria está isenta de livros
sellados, e portanto não tereis á porta os esbir-
ros a causticar-vos o canastro.

Isto não pode continuar assim. Reformas ra-
dicaes, reformas urgentes, mas não á moda das
que fazem os nossos governantes, serias e a di-
reito, gema quem gema,

Em segundo logar, preparar as cousas de ma-
neira que os que tomarem a sua pinga em exces-
s não venham contender com transeuntes inof-
fensivos que passiem as horas feridas do seu
trabalho honesto, Em bom portuguez—quem se
embebedar vá para casa e a familia que o ature,
ou o sr. administrador que o ponha locatario
do Antonio Joaquim Gonçalves. E nem mesmo é
bonito para una villa de tantos brios estar sem-
pre tudo bebado. Em terceiro logar, revogar to-
da a legislação em contrario.

Eis pois o programma a seguir pelo novo
eleito.

Pouco extenso, mas de bastante responsabili-
dade, concordamos, especialmente nos artigos
1.º e 2.º. A importancia do logar, porem, é
grande, e muito o seu prestigio para se fazer
respeitar.

Fazei pois una eleição modelo, mostrando aos
fazedores de leis como se comprehende a liber-
dade do suffragio do povo.

Um scenario, nosso patricio e amigo, ver-
berou com palavras duras, mas verdadeiras, o
mau serviço das novas matrizes, havendo indi-
viduo que tendo só um terreno, na matriz ap-
parece como opulento lavrador, senhor, domno e
possuidor de 6 ou mais, e isto pela ganancia,
esfamada dos secretarios que a seu bel-prazer
lh'o dividiram para ganhar mais uns tantos reis
visto que o serviço é pago por cada predio des-
cripto.

Uns tristes reis é pouco mais de nada, mas
muitos tristes reis formam uns mil reis muito
alegres.

Um secretario doscreveu um campo, feito bo-
cados, da seguinte maneira:

Leira do Souto de baixo
Leira do Souto de baixo do Souto
Leira do Souto de baixo de cima
Leira do Souto de cima de baixo
Leira do Souto de cima do meio
Leira do Souto de cima de cima

Se se forem procurar todas estas leiras encontra-se um só campo chamado do Souto, mas o secretario só d'aquí recebeu mais cinco descrições. Exemplificando nos homens, é o mesmo que dizer:

Rufino Augusto Monte do Carmo
Augusto Monte Rufino do Carmo
Carmo do Rufino Monte Augusto
Monte Rufino Augusto do Carmo
etc. etc.

e afinal tantos nomes apenas designam um homem.

Mas o mal, o grande mal, não são as mulheres, não senhores, são os inconvenientes que mais tarde os lavradores hão de encontrar para o pagamento das contribuições, e ainda que elles queiran fazer pé d'alferes a tantas leiras por mais que as procurem só vêm um campo, e hão de arrebentar ali na recchedoria senão...nem leiras nem campo.

Ao Oliveira da loja,
Sujeito bem conhecido,
Vou perguntar uma coisa
Que me veio ao sentido:

—«Tem corninhos, tem rabinho,
 Tem orelhas, sim senhôr,
 E' o animal que mais presta
 Serviços ao lavrador»:

—«Ai, ai, ai, não diga nais,
 Está matada, adivinhei:
 E' democrata com fé
 Qu'inda grita aquí d'el Rei...»

A' porta do Manoel Macedo:

Dizia um: «Eu sou republicano». Outro: «Eu sou regenerador». Acode um outro: «Eu sou progressista e com muita honra».

O Corechas que se achava sentado a distancia, ao ouvir este dialogo, levanta-se e diz: «Eu cá sou *muzico*».

Bravo, seu Franciscoe!...
 Muito bem!...

Entre duas senhoras:

—«Regressaste boa de banhos, já vejo».
 —«Magnifica. Aquillo dá saude. Gosei muito. O meu vestido novo fez figura. Fui preferida nos bailes. Arranjei um namoro de Lisboa. ¿E agora

sabes o que sinto?... saudades e a *aspereza* dos rapazes de Barcellos, que são uns *chôchos*».

—«São *chôchos* porque o teu vestido novo não te encobre a tua ignorancia e desgraçiosidade... a seus ouvidos e olhos. Na praia illudiste-te com os galanteios da etiqueta, que desconhecias, e que toinaste *por rapa-pés*».

A dama não gosta d'elles *chôchos*, aprecia-oz tezos, impertigados, etc.

NOTICIAS DIVERSAS

Ha alguns dias quizeram no Café Mattos ferver n'um *psile* o Alberto Guimarães.

N'este café o individuo que tem ganho mais, diariamente, ao *quino* é o Zé do Botequim.

—No topo do matero que se apruna no quartel militar arvora-se uma bandeira nacional em dias de gala que se impõe á caridade publica.

—...O jardineiro não tem culpa do Jardim estar *abougado* porque a Camara não abona despesas para adubos ou plantas...

—Dizem que a unica cousa que poderia abrançar a parte do convento das Freiras que olha para o Campo de D. Luiz seria uma caiadella.

—O espigueiro que se orgulha possuir a casa habitada pela sr.^a D. Antonia Cerqueira—que é propriedade do nosso amigo o sr. dr. Eduardo Salazar—vae ser restaurado. A base de licitação é importante. Mata-sete é o unico que conhece o estylo ornamental de tão importante obra d'arte, que se estadeia á vista dos transeuntes. Realmente já era tempo de fazer tão importante serviço á archeologia barcellense.

—¿Quantas leguas são d'aquí á Habana? São tantas como da Habana aqui. (Quem matou o enygma foi o nosso amigo Juca).

—Em Barcellos foi o dia de todos os santos, um dia de todos os diabos com frio de bater o dente.

Só a muito custo se dirigiu ao cemiterio a grande massa popular, a massa bruta que come o pão que o diabo amassou, aquelle diabo que uma vez surpreendeu «o moleiro que estava sentado ao borralho» e lhe levou qualquer coisa que fez revolucionar a familia, «excepto a sogra», segundo o dizer de um fino humorista...

—Um tal Rentim, da beira da Estação, vermelho, de heijos dilatados e grossos como os d'um preto, domingo, em companhia d'um individuo amarello, fisico em quarto gran, residente em Arcenzello, andou a assaltar os viandante.

Este Rentim é simultaneamente refractario do exercito e um patife de primeira ordem.

—Fez annos, na passada quinta-feira, o bom do meu sympathico amigo Jeronymo Monteiro, um rapaz com propensão para eucalypto.

Responsavel:—João Gonçalves da Silva.